

Eudoro de Sousa

Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a  
Universidade do Porto

COORDENAÇÃO

Celeste Natário

Luís Lóia

Marcus Mota

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2019

## **FICHA TÉCNICA**

**Título:** Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto

**Coordenação:** Celeste Natário, Luís Lóia, Marcus Mota

**Editor:** Universidade do Porto. Faculdade de Letras

**Ano de edição:** 2019

**ISBN:** 978-989-8969-24-8

**DOI:** 10.21747/978-989-8969-24-8/eud

**URL:** <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1685&sum=sim>

**Ordep Serra**

## **Comentário ao Poema de Parmênides (Fragmento 1)**

*(Breve digressão em homenagem a Eudoro de Sousa)*

Muito corrompidos estão os manuscritos  
que reportam o texto de Sexto Empírico,  
seu discurso bizarro  
Contra os professores.  
Mas essa é a fonte principal.  
Pouco ajudam Simplício, Diógenes Laércio  
e os retalhos da tapeçaria  
do alexandrino, Padre Clemente.  
Reconheço logo o arbítrio  
de minha exegese.  
De todas.  
A tradução é mesmo insegura.  
Sempre as versões dos estudiosos discordam  
em vários pontos. Mudam as lições  
e os debates não acabam nunca  
na feira dos intérpretes.  
Mesmo assim, sempre volto ao fascínio  
do poema de Parmênides.  
O som ardoroso de flauta  
que emite o carro canoro,  
o giro do eixo nos cubos, seu encaixe  
nos meões,  
as rodas que rolam sibilando  
convencem-me. Nessas imagens embarco.  
Elas tornam bem vivo o transe

da insólita passagem. Bom veículo.  
Com gratidão venero  
as éguas sagazes.  
Elas entendem logo para onde  
tende, irrefreável,  
o anseio do viajante,  
seu desejo esquisito – e respiram fogosas  
o lume deste amor.  
Das musas, com certeza  
receberam o ânimo.  
Mais ainda me encantam as aurigas  
com a graça solar  
que me impele na via multifária.  
Eis a senda de signos:  
é a pista em que se abrem  
os caminhos fecundos.  
A Sina os assinala.  
Fito as belas helíades,  
beijo suas mãos que retiram os véus delicadamente  
das áureas cabeças  
operando a revelação  
com desvelo amoroso.  
Vozes que acariciam a Justiça  
logo me persuadem. Sua luz me embriaga  
e como quem recorda - para além de si mesmo –  
a graça da antiga fonte  
encontro-me vestido com a pele do *koûros*  
de heroica memória.  
Recapitulo os passos da viagem  
e traduzo de modo bárbaro, excessivo,  
as palavras do elã,  
os tons do impulso:

*Deixando os pousos da Noite,  
as Filhas do Sol  
com as mãos a despir  
o ouro dos cabelos  
rumo da luz, me levam.*

Eis os pórticos  
com umbral e dintel de pedra  
donde pares se abrem  
o caminho do Dia,  
o caminho da Noite.  
A Clavígera rica em tormentos  
envolta em palavras de mel  
as trancas remove.

Sim, eu me lembro:  
um abismo escancarou-se  
e pela via franqueada  
sem hesitar, as Moças  
tocaram o carro.

Eis que chego.  
Na barra do horizonte,  
a Deusa me ensina com o bom sinal.  
O curso volúvel dos pareceres  
que por tudo divagam  
na via dos mortais  
aprendo. Mas com o favor da Mestra  
saio da correnteza  
e meu olhar transpõe a linha turva  
pois vi o verdadeiro,  
trilhei a senda que persuade.

Bendigo a carruagem  
dos fortes hexâmetros, o toque  
de seus pés sonoros, portadores da luz  
que longe repercute  
ferindo a grande margem,  
entre Ser e Não Ser,  
a barreira de Ananke.

Venci a escuridão de onde o sol se levanta  
glorioso. Todavia,  
quem dirá meu retorno?  
De que modo terei  
em mim mesmo caído,  
lá do alto  
do generoso abismo?

O silêncio me acode.

Desperto,  
celebro a bela Deusa que me indica  
o coração da verdade bem redonda  
e adoro seu útero.